

CAMPEONATO DE FUTSAL PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL, MÚLTIPLA E COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO PARA ALÉM DO JOGO

FUTSAL CHAMPIONSHIP FOR PEOPLE WITH INTELLECTUAL DISABILITIES, MULTIPLE DISABILITIES AND WITH AUTIST SPECTRUM DISORDER: A DEVELOPMENT EXPERIENCE BEYOND THE GAME

Patrícia dos Anjos Souza
Bruna Barboza Seron

*Universidade Federal de Santa Catarina
APAE de Florianópolis*

Resumo

Esse relato de experiência tem como objetivo descrever as estratégias metodológicas e pedagógicas para a elaboração do I Campeonato de Futsal da Educação Profissional realizado pela APAE de Florianópolis. No total, foram duas semanas de organização interna, cinco semanas de preparação e três semanas de jogos. Ao todo, 62 pessoas com deficiência se inscreveram para participar ativamente de alguma função/profissão do campeonato, sendo 34 do sexo masculino e 28 do sexo feminino, com idades de 15 a 40 anos. As estratégias pedagógicas e metodológicas aplicadas tiveram objetivos de oportunizar a experiência do futsal com fins no desenvolvimento humano, com especial foco de que eles pudessem: compreender as regras dentro e fora da quadra; estimular a cooperação dentro dos grupos/equipe; e conhecer e experimentar a amplitude das profissões envolvidas nos eventos esportivos. A proposta atingiu significativo nível de engajamento e permitiu com que as pessoas com deficiência envolvidas fossem protagonistas de suas decisões, ressignificassem suas percepções de competência e responsabilidade na execução da ação.

Palavras-Chave: Atividade Motora Adaptada. Protagonismo. Deficiência intelectual. Futsal.

Abstract

This experience report aims to describe the methodological and pedagogical strategies for the elaboration of the I Professional Education Futsal Championship held by APAE of Florianópolis. In total, there were two weeks of internal organization, five weeks of preparation and three weeks of games. In all, 62 people with disabilities signed up to actively participate in some role/profession of the championship, 34 male and 28 female, aged between 15 and 40 years. The pedagogical and methodological strategies applied had the objective of creating opportunities for the futsal experience with the aim of human development, with a special focus on enabling them to: understand the rules on and off the court; encourage cooperation within groups/teams; and to know and experience the breadth of professions involved in sporting events. The proposal reached a significant level of engagement and allowed the

people with disabilities involved to be protagonists of their decisions, to reassess their perceptions of competence and responsibility in the execution of the action.

Keywords: Adapted Motor Activity. Protagonism. Intellectual disability. Futsal.

1 Introdução

A deficiência intelectual é conceituada como um transtorno no início do período do desenvolvimento que inclui prejuízos funcionais, tanto intelectuais como adaptativos, nos domínios conceitual, social e prático (DSM V, 2014). Essas características afetam as posições sociais desses sujeitos e levam à discriminação em diferentes campos em que certas expectativas de capacidade determinam quem é o protagonista (ARMILA; RANNIKKO; TORVINEN, 2018). Atualmente, o modelo social da deficiência nos incita a prestar atenção às estruturas sociais, às atitudes e aos processos que mantêm a distância social entre as pessoas com deficiência e os próprios acessos aos serviços (OLIVER, 2004; TREMAIN, 2005).

Dessa maneira, com a intenção de promover a atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) que nasceu em 1954, no Rio de Janeiro, e caracteriza-se por ser uma organização social (APAE, 2022), possui uma equipe de atendimento multidisciplinar composta por serviços de fisioterapia, fonoaudiologia, psicologia, terapia ocupacional, informática, artes, educação física e comunicação alternativa (CADERNO PEDAGÓGICO, 2019).

Dentro da estrutura dos serviços, existe o Programa de Educação Profissional que tem como objetivo promover a inclusão social por meio do trabalho e/ou da locomoção independente em pessoas com idade superior a 14 anos. Dentre alguns dos objetivos desse programa, está o desenvolvimento de competências e habilidades que envolvem: saber pensar (refletir, enfrentar situações problemas, organizar as ideias) e ser autônomo (iniciativa, tomada de decisão e empoderamento) (SANTANA, 2019).

Nesse sentido, os programas de intervenção com pessoas com deficiência intelectual devem garantir um ambiente pedagógico que estimule a autonomia no sentido de mobilizar os indivíduos a pensarem por si mesmo, descobrir, resolver problemas e assumir posições (JOAQUIM; DANTAS; FURTADO, 2021), provocando tomada de consciência do contexto em que está inserido, suas possibilidades, responsabilidades e ações enquanto sujeitos transformadores (FREIRE, 1987).

Sob essa perspectiva, as atividades esportivas oferecem grandes oportunidades no saber pensar e ser autônomo por meio do movimento e contribuem para o desenvolvimento geral dos indivíduos com deficiência intelectual (SCIFO *et al.*, 2019). Mesmo assim, essa população possui menores oportunidades de prática de atividade física. Dados apontam que apenas 24% são engajados em práticas comparado a 65% de adultos da população em geral (ABS, 2012). Portanto, o envolvimento em ações

e programas esportivos podem colaborar com potencialidades que se estendem para aquisição de habilidades significativas para o viver em sociedade.

Diante do exposto, a fim de propor práticas que colaborem para o desenvolvimento integral da pessoa com deficiência intelectual e que os valorizem como protagonistas das decisões, o presente relato de experiência se propõe a descrever as estratégias metodológicas e pedagógicas para a organização e execução do I Campeonato de Futsal da Educação Profissional realizado pela APAE de Florianópolis.

2 Método

2.1 Surgimento da ideia - Interesses colaborativos

O projeto surgiu como resultado de uma série de demandas dos alunos e da instituição. O setor de Educação Física e a Coordenação Pedagógica tinham interesse em fazer mais eventos esportivos que gerassem maior envolvimento dos alunos e dos professores. Do mesmo modo, os alunos da Orientação para o Trabalho (OT) apresentaram aos professores interesse em organizar um jogo de futebol na quadra da APAE contra os alunos do Pré-Qualificação Profissional (PQ). Concomitantemente, durante uma parada pedagógica, foi apresentada a recorrente dificuldade dos alunos da Iniciação para o Trabalho (IPT) em seguir as regras de convivência e os combinados realizados. Assim, a professora de Educação Física uniu todos esses elementos resultando no projeto do I Campeonato de Futsal da Educação Profissional. O campeonato foi então estruturado nos objetivos e propostas do caderno pedagógico do serviço e nos quatro pilares da Educação dentro da pedagogia do esporte baseado em Hassenpflug (2004) com os objetivos de oportunizar a vivência do futsal auxiliando no desenvolvimento humano; aplicar as regras dentro e fora da quadra; estimular a cooperação dentro dos grupos/time; apresentar a amplitude das profissões envolvidas nos eventos esportivos; estimular a prática esportiva e apresentar um novo olhar sobre o papel da educação física dentro do programa.

2.2 Procedimentos

Após organizar a proposta foram realizadas duas reuniões: a primeira com a coordenação pedagógica do setor juntamente com a assistente social e com a psicóloga para apresentar o projeto, desde seus objetivos até a organização dos jogos. Após a explanação, o projeto foi aceito e então agendada a segunda reunião para exposição aos demais profissionais que atendem o serviço. A segunda foi com os professores do serviço. Nesse encontro, a professora de Educação Física apresentou o esboço do projeto, seus objetivos, cronograma e todos os elementos multidisciplinares que o projeto buscava

atender em relação ao desenvolvimento afetivo, cognitivo, físico e pessoal dos alunos. Os professores concordaram com a proposta e assim foi dado início ao projeto.

O projeto durou 10 semanas, com dois encontros semanais sendo que às segundas-feiras eram realizados os encontros com todos os envolvidos com temas específicos para cada semana e às quartas-feiras durante as aulas regulares de Educação Física eram desenvolvidos os elementos técnicos e táticos do futsal. No total, foram duas semanas de organização interna, cinco semanas de preparação e três semanas de jogos.

No serviço de Educação Profissional estavam matriculados 72 alunos, destes 62 se inscreveram para participar ativamente de alguma função/profissão do campeonato, sendo 34 do sexo masculino e 28 do sexo feminino, com idades de 15 a 40 anos. Vale destacar que dentro do número geral, além da deficiência intelectual havia quatro alunos com Transtorno do Espectro Autista, oito com Síndrome de Down e seis alunos com alguma deficiência múltipla ou comprometimento motor nos membros inferiores.

Sobre os profissionais, 13 estavam envolvidos: duas professoras de Educação Física, cinco pedagogos, duas professoras de Arte, um fonoaudiólogo, uma assistente social, uma psicóloga e um coordenador pedagógico.

3 Resultados e discussão

3.1 Antes do campeonato

3.1.1 Período preparatório

O período preparatório, que aconteceu entre a apresentação da proposta aos alunos até o Congresso Técnico, foi a base para o desenvolvimento do projeto, pois antes de colocar os jogadores na quadra e deixar a bola rolar era preciso construir o universo do Futsal juntamente aos alunos. Desde a década de 90, Delors (1998) já apresentava novas formas de repensar a educação, olhar com outros olhos a forma com que os conteúdos são abordados dentro das instituições de ensino, destacando que é preciso entender que os indivíduos são seres complexos dentro de sua totalidade e membros da sociedade. Os educadores precisam criar oportunidades de aprendizagem em que seus alunos possam descobrir e fortalecer os potenciais criativos indo além dos limites da instituição e dando voz às suas ideias. Assim, as aulas de Educação Física também precisam seguir nessa direção e - quando se trata de um projeto esportivo realizado em um serviço de atendimento que tem como uma de suas finalidades oportunizar a apropriação de conhecimentos com intuito de favorecer o exercício pleno da cidadania de seus usuários (FARIAS; LADEWIG, 2020) - ela não poderia ser apenas jogar bola, mas deveria colocar seus participantes como protagonistas em todos os elementos do processo.

O primeiro encontro foi a apresentação da proposta aos alunos realizada em parceria com a assistência social e a psicologia na quadra da instituição. A professora de Educação Física apresentou o *“I Campeonato de Futsal da Educação Profissional”*, desde a organização até às possibilidades de ações/funções/profissões que teriam para escolher. Inicialmente o grupo ficou dividido entre aqueles que adoraram a proposta e só queriam saber quando seria o primeiro jogo e aqueles que estavam nervosos sobre como seria participar e se iriam participar.

Os mais receosos, aos poucos, foram apresentando seus questionamentos, vários duvidavam de suas capacidades e habilidades no jogo, com medo de não serem aceitos pelos colegas em seus times. Nesse contexto, algumas frases foram recorrentes: *“não sei jogar futebol tão bem assim”*, *“não posso jogar”*, *“nunca participei de uma competição, não sei como funciona”*, *“ninguém vai me querer no time”*. Essas falas trazem à tona o quanto os alunos não se sentem incluídos, mesmo ao lado de pessoas que também tem deficiência. A Lei Brasileira de Inclusão (2015) lhes garante o direito de ter acesso a um sistema educacional inclusivo e, também, ao esporte, mas apesar da inclusão começar quando oportunidades de participar e ser inserido são dadas, ela vai muito além disso. Em seu viés educacional é defender o direito de desenvolvimento das potencialidades e do aprimoramento das capacidades para que o sujeito possa executar seus direitos de cidadania (FREIRE, 2008), é preciso oferecer aos alunos mais que a oportunidade de estar presente, assegurar uma participação efetiva de forma segura e íntegra fazendo com que se sintam parte do meio em que estão inseridos.

Dentre os alunos com deficiência múltipla ou dificuldade de locomoção surgiram demandas diferentes, um deles com comprometimento nos dois membros inferiores precisando de órtese nas duas pernas e apoio constante do andador falou apenas para a psicóloga *“quero participar, mas eu não quero ser o goleiro e na escola eu só posso ser o goleiro”*, outros dois pediram para a professora de Educação Física para *“serem aquela pessoa que pode expulsar os colegas que fazem coisas erradas e dá um cartão vermelho”*, isso chamou a atenção dos profissionais sobre as reais participações desses alunos nos jogos coletivos. Quando se pensa o esporte como um meio de inclusão, primeiramente surge a imagem de diferentes pessoas jogando juntas, esse é apenas o primeiro passo, é preciso valorizar as diferenças individuais, garantir o direito de participação oportunizando o processo de empoderamento (PEDRINELLI; NABEIRO, 2012), porém, quando a diferença é apenas enfatizada pode ocorrer a exclusão mesmo querendo incluir (MANTOAN, 2017). Os alunos que apresentaram essas falas tiveram oportunidade de participar de momentos esportivos, entretanto apenas a diferença estava presente causando uma falha em todo o fortalecimento do desenvolvimento pessoal e social, esse fato mostrou a necessidade de ressignificar a inclusão no decorrer do projeto.

As dúvidas foram esclarecidas e pontuado que o campeonato era uma construção com os alunos, um projeto feito para eles e com eles, todos que quisessem se inscrever teriam suas participações ativas garantidas nas funções escolhidas. A partir desse dia, os alunos tiveram uma semana para escolher se queriam participar e como queriam participar.

Durante as aulas de Educação Física, os alunos foram comunicando a professora sobre suas decisões, segundo Hassenpflug (2004), o querer é único para cada um, pois ninguém pode querer pelo outro, e para conseguir fazer essa escolha é preciso conhecer nossas potencialidades e limites, no processo de autoconhecimento e autoestima confiando em suas próprias decisões, dessa forma poder optar em fazer parte do projeto e como seria sua participação foi o primeiro momento de fala dos alunos. Houve momentos, nas aulas, em que foram discutidas cada uma das funções, explicando as responsabilidades e as demandas que cada um deles teria assumido. Ao todo 62 alunos anunciaram a vontade de participar, destes 44 quiseram ser jogadores, 18 optaram por assumir outra função/profissão.

Escolher as suas funções baseadas em profissões relacionadas aos jogos foi o segundo momento em que a decisão partiu diretamente de acordo com o interesse de cada um dos participantes. Bonatelli (2022) relata que o Programa de Educação Profissional (PROEP) desenvolve ações profissionalizantes por meio de diversas atividades na perspectiva da promoção da inclusão, entre elas estão as atividades físicas, então oportunizar a escolha de profissões dentro do campeonato foi uma das bases para a construção do projeto que foi planejado para os alunos desse serviço.

3.1.2 Organização dos times e demais profissões relacionadas ao jogo

Com a decisão tomada, a professora de Educação Física fez a organização dos cinco times mistos, quatro com nove jogadores e um com oito, divididos os alunos de acordo com seu nível de habilidades para que todas as equipes fossem equivalentes, para cada time foi escolhido um aluno para ser o capitão, sendo a referência dos jogadores do seu time. Eles receberam responsabilidades baseadas nas habilidades de gestão que, segundo Hassenpflug (2004), referem-se a gerir seu grupo estimulando a iniciativa, autonomia, produtividade, resolução de problemas e o senso de responsabilidade. Além de serem habilidades de extrema importância para o mundo do trabalho, também são imprescindíveis para o desenvolvimento pessoal e intelectual dos alunos.

Aqueles que não quiseram participar como jogadores foram divididos em três grupos de acordo com as funções que demonstravam interesses: comissão técnica, comissão de abertura e imprensa. Os 10 alunos que não apresentaram interesse de participar com alguma função declararam querer torcer livremente para os colegas nos dias dos jogos.

Uma semana depois foi realizado um encontro para apresentação dos times e seus capitães, a professora de Educação Física explicou os motivos das divisões dos times e a função dos capitães. Após a divisão dos times, os representantes sortearam as cores de suas camisas e, em seguida, os grupos foram separados na quadra e tiveram 15 minutos para discussão e decidirem o nome de seus times, em seguida apresentaram ao grande grupo. O time cinza se denominou Gaviões Dourados, o amarelo Fênix, o azul Grêmio, o vermelho Avaí e o verde Green Dragon.

Após as apresentações, foi feito um encontro específico com os alunos que não queriam jogar para a definirem suas funções/profissões. Um grupo apenas de meninas ficou responsável pela abertura do evento. Os alunos que queriam “*expulsar os colegas que faziam coisas erradas*” seriam assistentes de árbitros. A equipe técnica ficou responsável por supervisionar as inscrições dos atletas e pela bilheteria do evento. Dois alunos queriam encontrar uma forma diferente de participar do evento em uma roda de conversas surgiu a ideia de serem os comentaristas do evento, criando a bancada da “*APAE Esportes*”. Dessa maneira, os dois alunos seriam responsáveis por anunciar, narrar e comentar os jogos.

Foi organizado o dia da inscrição dos jogadores, esse processo consistiu em uma ficha de inscrição na qual cada aluno deveria assinar seu nome da forma como conseguisse. Três membros da comissão técnica auxiliaram na organização, direcionavam os jogadores a uma fila de inscrição, perguntavam aos jogadores suas informações pessoais, lhes mostravam o local em que precisavam assinar e entregavam os crachás dos jogadores. Os professores auxiliaram no preenchimento das fichas e dos crachás, pois nenhum dos membros da equipe técnica era alfabetizado.

3.1.3 Aulas de educação física

Durante as semanas do projeto o conteúdo das aulas de Educação Física foi a construção do futsal juntamente aos alunos, iniciando com atividades de ambientação no espaço, percebendo as linhas da quadra e o que elas significavam, depois foram apresentados os princípios básicos do esporte desde os aspectos técnico e táticos até chegar no jogo. Além das aulas regulares de Educação Física foram organizados dois aulões para que os times tivessem mais entrosamento, esses encontros eram divididos em dois momentos, o primeiro cada grupo ficava em um espaço da quadra e executavam atividades entre eles, no segundo momento as professoras de educação física organizavam amistosos entre os times.

Nos pequenos grupos, os capitães de times eram os responsáveis pelos seus jogadores, tinham à disposição materiais esportivos, espaço físico e as professoras de Educação Física. Cada grupo encontrou uma forma de gerar entrosamento, os capitães

buscaram uma maneira de assegurar a participação de todos da sua equipe construindo suas estratégias, aluno ajudando aluno na correção do movimento, discussões de regras, rodinha de passes, organização de chute a gol para testar os melhores batedores e os melhores goleiros, quando chegava o momento dos amistosos testaram essas estratégias e discutiam novamente sobre o que deu certo e o que deu errado.

Os alunos tiveram a oportunidade de aprender uns com os outros, descobrir as habilidades e as dificuldades de cada um dentro e fora do jogo. As aulas de Educação Física são parte importante no processo educacional contribuindo para a formação consciente e crítica dos seus participantes, mas para assumir esse papel precisa ir além das atividades físicas e corporais (KATO *et al.*, 2020). Ao ensinar o esporte dentro de uma instituição de ensino esse pensamento deve permanecer, Freire (1989) reforça essa ideia quando explica que o esporte só passa a ser educacional quando ele gera oportunidades aos seus praticantes para se desafiarem e criar, experimentar as regras, interagir com os outros e provocando sua contínua transformação, e ainda destaca que é jogando que os laços de identidade são criados e comunidades são formadas.

As aulas geraram grandes momentos de aprendizagem e integração entre os alunos e também apresentou uma grande demanda, a dificuldade de entendimento das regras do futsal, quanto mais abstrata era a regra mais difícil era para os alunos entenderem, uma característica da pessoa com deficiência intelectual que se refere ao domínio cognitivo é a dificuldade de compreensão resultado da limitação da memória, o que implica na dificuldade de aprendizagem de conceitos e também em estabelecer relações entre diferentes fatos, eventos e estímulos (GIMENEZ, 2019). Assim, foi preciso buscar mais recursos para que a abstração se tornasse mais concreta, novos canais sensoriais para transmissão e aquisição das informações.

Com o auxílio do Fonoaudiólogo do serviço foram organizados elementos visuais para que os alunos tivessem maior organização e entendimento do jogo, desde desenhos de jogadores uniformizados, as demarcações da quadra e a tabela de jogos com símbolos para representar vitórias, derrotas, empates e o saldo de gols. Esses elementos foram apresentados aos poucos nas aulas e nos encontros de acordo com o surgimento das demandas, mas o que concretizou a utilização dos elementos visuais no projeto foi o último encontro antes do início dos jogos, o congresso técnico.

Figura 1 - elementos visuais para entendimento do jogo



Fonte: elaboração própria

3.1.4 Congresso Técnico

O encontro foi realizado no auditório da APAE, todos os alunos do PROEP estavam presentes, até aqueles que não se inscreveram. As professoras de Educação Física apresentaram a organização dos dias de jogos, os sistemas de pontuação e as regras do jogo.

Os dias de jogos foram apresentados através de um calendário marcando as datas e como seriam divididos, dois dias de eliminatórias e um de final. O sistema de pontuação foi demonstrado primeiro em slides e depois em forma física em formato de uma tabela, os desenhos de *'likes'* representavam as vitórias, *'dislikes'* derrotas, sinal de igual para empates, e para cada gol marcado uma bolinha de Futsal. Quanto às regras, o foco maior foi nas partes relacionadas às normas de conduta, sendo a maior dificuldade de abstração dos alunos. O debate iniciou com apresentação de imagens no projetor, eram discutidas pelos alunos, o que representavam e se eram certas ou erradas, em seguida as professoras explicaram a situação dando exemplos práticos e as imagens eram associadas a um desenho representando a regra que fazia parte de um painel que foi fixado na quadra para uso durante os jogos. As regras mais discutidas pelos alunos foram aquelas relacionadas ao respeito ao outro e o jogo limpo e a frase que mais citaram era “dois cartões amarelos “vira” cartão vermelho e isso causa expulsão do jogador”.

Hassenpflug (2004), ao dialogar sobre as competências relacionais cita que as regras dentro da educação pelo esporte podem e devem ser adaptadas e construídas de forma coletiva para se adequarem às necessidades específicas do grupo, quando

negociam é dialogam sobre as regras estão desenvolvendo o saber ouvir, aguardar seu momento de falar, respeito, responsabilidade e cooperação que são competências interpessoal e sociais. Por isso, as regras foram trabalhadas em diversos momentos, com diferentes recursos pedagógicos e quanto mais eram discutidas e reforçadas mais eram internalizadas pelos alunos.

Ao final da discussão foi firmado um acordo entre os alunos e os professores, as regras de conduta e respeito ao próximo que eram aplicadas no futsal não estariam limitadas ao ambiente da quadra ou o jogo em si, mas se estendem a todos os ambientes da instituição e outros atendimentos. As aprendizagens precisam ir além do apito final, esse era um dos intuitos do projeto desde o princípio, para concretizar esse objetivo é preciso ensinar mais que o esporte, ultrapassando os limites da própria prática, dialogando com outras dimensões do desenvolvimento do aluno gerando reflexões, estimulando o protagonismo e conhecimentos aplicáveis a diferentes circunstâncias da vida (D'ANGELO, 2017; FREIRE, 1998b).

3.2 Durante

3.2.1 Abertura do evento com juramento do atleta

O primeiro dia do jogo teve a solenidade de abertura, a equipe de abertura foi dividida em duas: quatro alunas cada uma com uma bandeira, nação, estado, município e instituição, e, depois, cinco alunas seguravam placas com a cor e o nome dos times e entraram na frente de cada delegação. Ao som do Hino da Liga dos Campeões da UEFA “*Champions League*”, sugestão de um dos capitães, as bandeiras e as delegações entraram na quadra se posicionando de frente para as arquibancadas. A cerimônia iniciou com a execução do hino nacional, em seguida fizeram o juramento do atleta proferido por um dos participantes e então o coordenador pedagógico declarou oficialmente a abertura da competição. Foi um momento para ser experimentando, para que todos os alunos envolvidos no projeto tivessem a oportunidade de sentirem a emoção de estar fazendo parte de uma competição.

3.2.2 Os jogos

Os jogos ocorreram em três dias, nos dois primeiros aconteceram 10 jogos, cinco em cada dia, com duração de dois tempos de oito minutos com intervalo de três minutos. Foram confrontos diretos, todos contra todos, resultando na pontuação na tabela, vitória três pontos, empate um ponto e como critérios de desempate o maior número de vitórias seguido pelo maior número de gols. Para tornar mais concreto a classificação final do campeonato no último dia de jogos foi realizada a grande final, o terceiro e quarto na tabela disputaram o terceiro lugar e os dois primeiros da tabela

disputaram o primeiro lugar, cada jogo teve duração de dois tempos de 15 minutos cada e um intervalo de cinco minutos. Todas as construções realizadas no “*Antes*” foram sendo colocadas em prática nesses três dias, utilizando a competição como uma ferramenta contribuindo para o desenvolvimento dos alunos, priorizando a participação e a satisfação dos alunos (SOARES, 2009). Muitos talentos foram descobertos durante os jogos,

Os cinco capitães encontraram suas formas de gerir seus times, a motivação e a busca pela participação de todos os jogadores foi algo que todos fizeram por livre iniciativa, procuravam os alunos com mais dificuldades no jogo para funções específicas como cobranças laterais e cobranças de pênaltis já que segundo eles os movimentos com bolas paradas eram mais fáceis de serem feitos e era garantido o toque na bola. Colocaram em prática os conhecimentos adquiridos anteriormente para gerenciar seus times, apropriando-se das competências produtivas ao tomar decisões, resolver conflitos, buscar soluções para os problemas, ter iniciativa, criatividade e autonomia ao pensar e agir (HASSENPFUG, 2004; PHILIPPI; SOUZA, 2011).

Os professores se dividiram para dar suporte ao evento em diferentes funções, as professoras de educação física atuaram como árbitras, aplicavam as regras do futsal explicando as ações que resultaram nas infrações e sempre que necessário utilizavam do quadro de regras para exemplificar qual a penalidade resultante. Os professores de sala se revezaram como técnicos e mesários, como técnicos auxiliaram na organização de substituições dos jogadores, garantindo a participação de todos, orientavam os capitães dos times e verificavam o bem-estar dos alunos e como mesários coordenaram os auxiliares de árbitro e preenchiam a súmula do jogo. As professoras de Arte fizeram as fotos dos jogos e uma delas confeccionou com os alunos do IPT as medalhas e os troféus do campeonato de biscuit e reciclados. Por fim, uma professora de sala auxiliou um aluno que utiliza andador, que possuía rodas, a participar ativamente do jogo, o andador era revertido em uma cadeira de rodas e a professora conduzia a sua cadeira dentro da quadra na direção que o aluno solicitava garantindo uma participação mais ativa dele no jogo.

O comprometimento dos professores foi fundamental para o desenvolvimento do projeto, o educador é essencial no processo de inclusão sendo ele o mediador no processo de ensino aprendizagem e valorizando as capacidades e não a deficiência (PEDRINELLI; VERENGUER 2019; MENEZES, 2012). Não existe uma fórmula pré-determinada que garanta a inclusão na educação ou no esporte, o que existe é o olhar diferenciado do professor para unir diversas maneiras de remover barreiras e promover a participação, aprendizagem e o desenvolvimento integral de seus alunos sempre lembrando que cada um deles é único dotado de suas próprias potencialidades (CIDADE; FREITAS, 2002; HASSENPFUG, 2004).

A equipe técnica foi dividida em dois subgrupos durante os jogos, auxiliares de árbitros e os atendentes de bilheteria. Três alunos foram os auxiliares de árbitro, eram responsáveis pelo placar e foram expandindo suas atuações, viram necessidades de executarem mais funções relacionadas às suas profissões, passaram a anunciar as substituições dos jogadores, os pedidos de tempo e debatiam com as professoras de Educação Física sobre o comportamento dos jogadores dentro e fora do campo. Os outros quatro alunos ficaram responsáveis por anunciar a abertura da quadra para entrada das turmas visitantes e dos jogadores, recebiam e conferiam os ingressos dos jogos conduzindo os alunos visitantes aos seus espaços na arquibancada.

Após o primeiro dia de jogos, um dos alunos responsáveis pela bilheteria pediu para permanecer na bilheteria durante todo o período dos jogos, pois, segundo ele, no primeiro dia de jogos alguns alunos e profissionais da instituição chegaram após o início dos jogos e não havia ninguém recebendo os ingressos, então, ele precisava ficar próximo ao portão para que isso não ocorresse nos demais dias. Ele permaneceu em sua função até o último jogo do campeonato e, em um desses momentos, barrou a psicóloga que atendia o serviço por estar sem o ingresso, ela precisou retornar a sua sala para pegar seu ingresso e, só então, foi liberada para entrar na quadra.

Essa equipe surpreendeu a todos os envolvidos no projeto, os alunos se apropriaram das suas funções/profissões, dominaram o conhecimento necessário para executar suas funções e os passos necessários para alcançar os resultados esperados e os executaram de forma correta, mas foram além se reinventaram dentro das competências produtivas. Eles refletiram sobre suas atuações e encontraram formas de fazer mais e melhor o que tinham se comprometido não foram apenas reprodutores de tarefas, mas polivalentes e versáteis (HASSENPFUG, 2004).

3.2.3 Percepção das regras de forma concreta dentro e fora da quadra

Os alunos de forma geral foram aprendendo as regras e melhorando suas condutas durante todos os momentos do projeto, mas um fato que precisa ser destacado. Um dos alunos do IPT, que tinha dificuldade em cumprir os combinados e seguir normas da sala, foi o aluno que mais se destacou em relação à aprendizagem das regras durante o projeto. Ele viveu o campeonato do começo ao fim, após a apresentação da proposta ele passou a ir para a APAE nas segundas e quartas-feiras vestindo-se como jogador, camiseta do time que ele torceu, calção, meião e chuteira de futsal. No segundo dia de jogo, ele cometeu uma falta contra outro jogador que resultou em um cartão amarelo e, quando questionado, soube identificar qual a sua conduta que gerou esse resultado. Nessa mesma semana, teve um episódio no corredor da instituição e acabou derrubando um colega no chão, essa foi uma conduta imprópria que resultou em mais um cartão amarelo para ele. Houve uma conversa com o aluno juntamente

com a equipe técnica, e, nesse momento, foi discutido o ocorrido e o aluno conseguiu perceber o comportamento inadequado que teve, no qual aquele tipo de ação resultava na não participação no jogo seguinte. No último dia de jogo, ele veio vestido a caráter como nos dias anteriores, não participou do jogo e soube explicar a todos o porquê da sua permanência na arquibancada enquanto seu time jogava. Foi um grande amadurecimento no comportamento, o aluno passou a compreender mais as regras, ter menos ações que infringissem os combinados e, quando os fazia, conseguia entender o porquê estava sendo cobrado. É apenas convivendo que aprendemos a conviver, mas não basta apenas colocar pessoas diferentes em contato uma com as outras, elas precisam aprender as regras de convivência e executá-las, para assim promover o convívio sadio, desenvolver a solidariedade e a construção coletiva através do reconhecimento do outro, convívio com as diferenças e o compromisso coletivo (HASSENPFUG, 2004).

Após o jogo da final, foi realizada a cerimônia de entrega das medalhas, todos os alunos ganharam medalhas, do terceiro lugar em diante ganharam troféus confeccionados pelo IPT.

3.3 Depois

Os resultados do “*Depois*” ainda estão sendo colhidos, mas algumas semanas após o final dos jogos alguns alunos se reuniram e pediram para a professora de Educação Física do serviço para formarem um time selecionando os melhores jogadores do campeonato para que eles pudessem jogar contra alunos de outras escolas, alunos sem deficiência. Os mesmos que dois meses antes tinham dúvidas em se inscrever no campeonato que ocorreria dentro da instituição por duvidaram de suas capacidades mudaram suas percepções e passaram a buscar mais desafios, “descobrimos que somos bons e agora queremos provar para as pessoas que não estavam aqui o quanto somos bons”. Nesse período, a prática esportiva provocou os alunos a olharem para si, avaliando seus desempenhos e desenvolvendo novas capacidades (HASSENPFUG, 2004).

Todos os momentos desde que o aluno entra na instituição são oportunidades de aprendizagem, o campeonato não poderia ser diferente. Os jogos exigem que seus participantes estejam presentes com corpo, mente e emoção, necessitando de respostas rápidas e tomadas de decisão, possibilitando experiências naturais e cotidianas como vitórias, derrotas, alegrias, tristezas e erros (HASSENPFUG, 2004).

Os alunos passaram a ter mais interesse, assiduidade e comprometimento nos projetos de iniciação esportiva dentro da instituição, tanto no de jogos coletivos quanto no de atletismo. Isso mostra que quanto mais imerso no processo, mais conhecimentos adquiridos sobre o esporte maiores são possibilidades de aprendizados para toda a vida, baseando-se na pedagogia do esporte foi possível criar uma competição com

um ambiente prazeroso, divertido, desafiador, convivendo de forma saudável com os colegas e incentivando o gosto pela prática esportiva (BROTTO, 2013).

, Dos participantes do projeto que entraram nos grupos de iniciação esportiva foram selecionados nove alunos para fazerem parte da delegação da Grande Florianópolis para as Olimpíadas Estaduais das APAEs de 2022 nas modalidades de Atletismo e de Futsal.

4 Conclusão

O I Campeonato de Futsal da Educação Profissional reforçou a concepção de que um evento esportivo, se planejado a partir de seu potencial complexidade, pode contribuir com o desenvolvimento de habilidades que são exigidas para além do jogo. Os alunos com deficiência tiveram a oportunidade de serem jogadores, bilheteiros, auxiliares de árbitros e comentaristas, mas foram também os propositores, executores e protagonistas do evento como um todo. Mostrando que eles só precisam ser vistos e tratados como eles realmente são, seres humanos complexos em sua totalidade repletos de sentimentos, necessidades e sonhos que só precisam de oportunidades.

As estratégias pedagógicas e metodológicas para execução do evento foram conduzidas a partir do entendimento e suporte para as necessidades da condição de seus participantes, esse fato, proporcionou evidenciar as potencialidades de cada sujeito contribuindo para sua participação. Assim, a proposta atingiu significativo nível de engajamento e permitiu com que as pessoas com deficiência envolvidas fossem protagonistas de suas decisões, ressignificassem suas percepções de competência e responsabilidade na execução da ação.

O ambiente esportivo desenvolvido nesse evento trouxe contribuições diretas para o incentivo e apoio à prática esportiva, bem como, para o desejo pela competição trazido pelos próprios participantes. O projeto tem reverberado em novos desafios esportivos e aberto novas portas de possibilidades de participação.

Além disso, esse projeto ressalta a importância da Educação Física dentro das Instituições de atendimento à pessoa com deficiência, destacando o quanto o esporte dialoga com outros setores de serviço e, portanto, torna-se um meio para o desenvolvimento de diversas habilidades para a vida.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. [s.l.] Artmed Editora, 2014.
- ARMILA, P.; RANNIKKO, A.; TORVINEN, P. Young people with intellectual disabilities and sport as a leisure activity: notions from the Finnish welfare society. *Leisure Studies*, v. 37, n. 3, p. 295-306, 2018.
- AUSTRALIAN BUREAU OF STATISTICS. *Sport and recreation: a statistical overview*. cat. no. 4156.0, 2012. Disponível em: <http://www.abs.gov.au/ausstats/abs@.nsf/Products/552FD3C2C5C75EC1CA257AD9000E25D0?open>
- BONATELLI, Lisiane Capanema Silva. *Caderno pedagógico do serviço de educação profissional*. APAE - Florianópolis, 2022.
- BROTTO, Fábio Otuzi. *Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência*. 4. ed. São Paulo: Palas Athena, 2013.
- CONHEÇA A APAE. APAE, 2022. Disponível em: <https://www.apae.com.br>. Acesso em junho de 2022.
- D'ANGELO, Fábio Luiz. *Avaliação de uma sequência didática do programa oficinas do esporte em crianças de 8 a 11 anos*. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.
- DELORS, Jacques *et al.* *Educação: um tesouro a descobrir; relatório da Comissão internacional sobre Educação para o séc. XXI*. São Paulo: Cortez/Brasília, DF: MEC/UNESCO, 1998.
- FREIRE, João Batista. *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipione, 1989.
- FREIRE, Sofia. Um olhar sobre inclusão. *Revista da Educação*, v. 16, n. 1, 2008.
- GALATTI, Larissa Rafaela. *Pedagogia do Esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino aprendizagem de jogos coletivos*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas, 2006.
- GIMENEZ, Roberto; Atividade física e deficiência intelectual. *In*: GREGUOL, Márcia; COSTA, Roberto Fernandes da (org.). *Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais*. 4. ed. rev. e ampl. Barueri/SP: Manole, 2019.
- HASSENPFUG, Walderez; *Educação pelo esporte: educação para o desenvolvimento humano pelo esporte*. São Paulo: Saraiva: Instituto Ayrton Senna, 2004.
- KATO, Carlos Eduardo Wiggers *et al.* *Educação Física*. *In*: Santa Catarina. Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE). Diretrizes dos Centros de Atendimento Educacional Especializados em Educação Especial [livro eletrônico] / Fundação Catarinense de Educação Especial (FCEE) – São José/SC: FCEE, 2020.
- MENEZES, Eloilla Mirtes da Costa. *O papel do professor no processo de inclusão*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2012
- OLIVER, M. The social model in action: If I had a hammer. *In*: BARNES, C.; MERCER, G. (eds.). *Implementing the social model of disability: Theory and research*. Leeds: The Disability Press, 2004. p. 18-31.

PEDRINELLI, Vera Junghahnel; VERENGUER, Rita de Cássia Garcia; Educação física adaptada: introdução ao universo das possibilidades. *In*: GREGUOL, Márcia; COSTA, Roberto Fernandes da (org.). *Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais*. 4. ed. rev. e ampl. Barueri/SP: Manole, 2019.

SANTANA, Rafael Bischoff de; *Caderno pedagógico* – Educação profissional. APAE - Florianópolis, 2019.

SCIFO *et al.* Sport Intervention Programs (SIPs) to Improve Health and Social Inclusion in People with Intellectual Disabilities: A Systematic Review. *Journal of Functional Morphology and Kinesiology*, v.4, n. 3, p. 57, 15 ago. 2019.

SOARES, Fernanda Caroline; MONTAGNER, Paulo Cesar. A competição esportiva escolar como componente pedagógico a ser refletida e aplicada nas aulas de educação física, *Motriz*, Rio Claro, v.15, n.2 (Supl.1), p.S1-S456, abr./jun. 2009.

Notas sobre os autores

Patrícia dos Anjos Souza

APAEE de Florianópolis; patianjsouza@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9230-3011>

Bruna Barboza Seron

Universidade Federal de Santa Catarina; bruna.seron@ufsc.br

<https://orcid.org/0000-0003-2453-1968>

Recebido em: 17/06/2022

Reformulado em: 22/06/2022

Aceito em: 22/06/2022